

PAPA PIO XII: DIETRICH VON HILDEBRAND, DOUTOR DA IGREJA NO SÉCULO XX!



Papa Pio XII

Quem foi Dietrich von Hildebrand:

(Florença, 12 de outubro de 1889 – New Rochelle, Nova York, 26 de janeiro de 1977)

Dietrich von Hildebrand foi um filósofo e teólogo católico, de nacionalidade alemã. Era filho de Adolf von Hildebrand, escultor alemão de renome, foi professor universitário e sofreu a influência de Max Scheler e de Edmund Husserl. De origem protestante converteu-se ao catolicismo romano em 1914.

Católico praticante foi chamado pelo papa Pio XII de Doutor da Igreja no século XX, foi professor de Filosofia na Universidade de Munique (1918 a 1933) depois foi professor de Filosofia na Universidade Fordham em Nova York (1941 a 1960).

Opositor de Adolf Hitler, refugiou-se na Áustria com a ascensão dos nazistas ao poder em 1933, lá com a ajuda do chanceler Engelbert Dollfuss fundou e editou o jornal semanário anti-nazi Der Christliche Ständestaat (O Estado Corporativo Cristão). Em razão disto foi condenado à morte pelos nazistas. Com a anexação da Áustria em 1938, Hildebrand fugiu para as montanhas suíças onde ficou onze meses, próximo a Fribourg e após mudou-se para Fiac na França, próximo a Toulouse onde foi lecionar na Universidade Católica de Toulouse.

Quando os nazistas invadiram a França em 1940, foi procurado, com a ajuda heróica dos franceses, entre eles Edmond Michelet, conseguiu escapar com sua esposa e familiares para Portugal, dali viajou de navio para o Brasil e de lá para Nova York em 1940, onde foi lecionar filosofia na Fordham University em Rose Hill, no Bronx, pertencente à Companhia de Jesus.

Aposentou-se em 1960 e passou o restante dos seus anos escrevendo. Foi autor de dezenas de livros, tanto em alemão como em língua inglesa. Foi um dos fundadores da Una Voce America. Era casado com Margaret Denck, falecida em 1957, e depois em 1959, com Alice von Hildebrand, nascida em 1923, também filósofa e teóloga. O Instituto Dietrich von Hildebrand recebeu o nome em sua homenagem.

É considerado um dos mais importantes pensadores do século passado. Suas obras mais destacadas foram: Metafísica da comunidade (1930) e Atitudes éticas fundamentais (1933).



Dietrich von Hildebrand

A seguir, apresentaremos alguns importantíssimos textos desse grande teólogo católico, e de grande pertinência tendo em vista o momento atual de crise na Igreja (apostasia/rebeldia/profanação); ele, que foi distinguido pela grande admiração que o Papa Pio XII lhe tinha.

A Comunhão na mão

Por Dietrich von Hildebrand
Tradução: Carlos Wolkartt

"(...) Por que deveria introduzir-se a Comunhão na mão em nossas igrejas quando isto é evidentemente prejudicial, quando certamente não aumenta nossa reverência, e quando se expõe a Eucaristia aos mais terríveis abusos diabólicos? Realmente não existem argumentos sérios para a Comunhão na mão. Por outro lado, existem inúmeros argumentos gravemente sérios contra isso.(...)"



"Não há dúvida que a Comunhão na mão é uma expressão da tendência de dessacralização da Igreja em geral, e especificamente de irreverência ao aproximar-se da Eucaristia. O mistério inefável da presença corporal de Cristo na hóstia consagrada pede uma

atitude profundamente reverente (tomar o Corpo de Cristo em nossas mãos não consagradas – como se fosse um simples pedaço de pão – é algo que em si é profundamente irreverente e prejudicial para nossa fé). Negociar este insondável mistério é como se estivéssemos tratando simplesmente – e nada mais – de um outro pedaço de pão, algo que fazemos naturalmente todos os dias com um simples pão, e faz com que seja mais difícil o ato de fé na verdadeira presença corporal de Cristo. Dito comportamento para com a hóstia consagrada corrói lentamente nossa fé na presença corporal e alimenta a idéia de que é unicamente um símbolo de Cristo. Dizer que o tomar o Pão em nossas mãos aumenta o sentido da realidade do pão é um argumento absurdo. A realidade do pão não é o que importa – isso também é visível para qualquer ateu. O que deve ser enfatizado é o fato de que a hóstia é verdadeiramente o Corpo de Cristo.

Não são efetivamente válidos os argumentos sobre a Comunhão na mão baseados no fato de que encontramos esta prática entre os primeiros cristãos. Os defensores dessa idéia ignoram os perigos do inadequado restabelecimento desta prática nos dias de hoje. O Papa Pio XII falou em termos muito claros e inequívocos contra a idéia de que se pode voltar a introduzir hoje em dia os costumes da época das catacumbas. Certamente, deveríamos tratar de renovar nas almas dos católicos de hoje o espírito, o fervor e a devoção heróica que encontramos na fé dos primeiros cristãos e nas fileiras dos inúmeros mártires. Porém, simplesmente adotar seus costumes é, novamente, algo distinto; os costumes podem hoje em dia assumir uma função completamente nova e não podemos, nem devemos simplesmente tratar de reintroduzi-los.

Na época das catacumbas, não estavam presentes os ameaçadores perigos da dessacralização e da irreverência. O contraste entre o saeculum (secular) e a Santa Igreja estava constantemente presente nas mentes dos cristãos. Assim, um costume que naquele tempo não estava em perigo pode constituir um grave perigo em nossos dias.

Levemos em conta como São Francisco considerou a extraordinária dignidade do sacerdote, que consiste exatamente no fato de que lhe é permitido tocar o Corpo de Cristo com suas mãos consagradas. Disse São Francisco: "Se eu me encontrasse ao mesmo tempo com um santo do céu e um pobre sacerdote, primeiro mostraria meu respeito ao sacerdote e rapidamente beijaria suas mãos, e logo diria: 'Espera, São Lourenço [de Huesca, o Diácono], porque as mãos deste homem tocam a Palavra da Vida e são superiores a tudo o que é humano'".

Alguém poderia questionar: "Mas São Tarcísio não distribuiu a comunhão mesmo não sendo sacerdote?". Ora, em uma emergência é permitido que um leigo distribua a Comunhão aos demais. Mas esta exceção para os casos de emergência não implica uma falta de respeito ao santo Corpo de Cristo. É um privilégio que está justificado pela emergência – que deve ser aceito com o coração trêmulo (e deveria permanecer como privilégio, reservado unicamente para emergências).

Porém, existe uma grande diferença entre este caso de tocar a hóstia consagrada com nossas mãos não consagradas, e aquele de tomar a Comunhão na mão como algo comumente – em todas as ocasiões. O permitir tocar a hóstia consagrada com mãos não consagradas de nenhuma maneira se apresenta aos fiéis como um privilégio inspirador. Converte-se na forma normal de receber a Comunhão; e isto alimenta uma atitude irreverente e, portanto, corrói a fé na real presença corporal de Cristo.

O leigo, a quem se outorga o grande privilégio por razões especiais, tem que tocar a hóstia, evidentemente. Mas não existe razão alguma para receber a Comunhão na mão: apenas um espírito íntimo de uma familiaridade mesquinha com Nosso Senhor.

É incompreensível o motivo pelo qual alguns cristãos insistem sobre uma maneira de receber a Comunhão que abre a porta a toda classe de abusos acidentais e até mesmo intencionais.

Primeiro, [ao receber a Comunhão na mão] existe uma possibilidade muito maior de que algumas partículas da hóstia consagrada caiam no chão. No passado, o sacerdote observava com grande cuidado se algumas partículas da hóstia haviam caído, e se isso acontecesse, ele imediatamente as pegava reverentemente e as consumia. E agora, sem razão aparente, muitos desejam expor a hóstia consagrada a este perigo em um grau muito maior que antes – estamos na época em que a hóstia está sendo tratada de um modo cada vez mais parecido com o qual se trata um pão.

Segundo – e este é um problema incomparavelmente pior –, existe o perigo de que um comungante, em vez de pôr a hóstia consagrada em sua boca, a coloque em seu bolso, ou de outra maneira qualquer a esconda, e não a consuma. Isto, infelizmente, tem acontecido nestes dias de satanismo revivido. Sabe-se que as hóstias consagradas estão sendo vendidas para usos blasfemos. Em Londres, conta-se que o preço é de 30 libras por uma, o que nos recorda as 30 moedas de prata pelas quais Judas vendeu o Corpo de Nosso Senhor.

É inacreditável que existam aqueles que preferem expor a hóstia consagrada, que é verdadeiramente o Corpo de Cristo, o Deus-homem, aos mais terríveis e possíveis abusos ao invés de aplicar o cuidado mais escrupuloso para protegê-la. Temos ouvido falar hoje em dia da existência do demônio, que está vagando pelo mundo na busca de almas para devorar? Não é notório o seu trabalho na Igreja e no mundo? O que nos credencia a afirmar que não haverá mais abusos à hóstia consagrada?

Quanto maior for nosso respeito e nosso amor para com a hóstia consagrada; quanto mais enérgica for nossa certeza na santidade inefável da Eucaristia, maior será nosso horror quando ela for profanada, e maior será nossa avidez para protegê-la de todos os possíveis abusos blasfemos.

Por que deveria introduzir-se a Comunhão na mão em nossas igrejas quando isto é evidentemente prejudicial, quando certamente não aumenta nossa reverência, e quando se expõe a Eucaristia aos mais terríveis abusos diabólicos? Realmente não existem argumentos sérios para a Comunhão na mão. Por outro lado, existem inúmeros argumentos gravemente sérios contra isso.”

Fonte: <http://www.communion-in-the-hand.org/index.html>

Tradução: <http://blog.christifidei.com/>

Reflexão de Dietrich von Hildebrand: da obra *Cavalo de Tróia dentro da Igreja*

"Assistimos, hoje, a uma deformação do movimento litúrgico quando muitos tentam substituir os sublimes textos latinos da Liturgia por traduções nativas, com gíria. Chegam mesmo a mudar, arbitrariamente, a Liturgia no intuito de "adaptá-la aos nossos tempos". O Canto Gregoriano vai dando lugar, na melhor hipótese, à música medíocre, quando não ao jazz ou ao rock and roll. Essas grotescas substituições empanam o espírito de Cristo incomparavelmente mais do que o fizeram certos tipos antigos e sentimentais de devoção. Esses eram inadequados. Aqueles, além de inadequados, são antitéticos à sagrada atmosfera da Liturgia. É mais do que uma deformação; isso lança o homem em uma atmosfera tipicamente mundana. Apela no homem para algo que o torna surdo à mensagem de Cristo.

Mesmo quando se substitui a beleza sagrada, já não pela vulgaridade profana, mas por abstração neutra, incorre-se em sérias conseqüências para as vidas dos fiéis, pois, como indicamos, a Liturgia católica se dirige à personalidade total do fiel. O fiel não é atraído ao mundo de Cristo apenas por sua crença ou por símbolos estritos. São levados a um mundo mais alto pela beleza da igreja, por seu ambiente sagrado, pelo esplendor do altar, pelo ritmo dos textos litúrgicos, pela sublimidade do Canto Gregoriano ou por músicas verdadeiramente sacras, tais como a Missa de Mozart ou de Bach. Até mesmo o perfume do incenso tem função significativa, nesse sentido. O emprego de todos os canais capazes de introduzir-nos no Santuário é profundamente ree-lista e profundamente católico. É autenticamente existencial e realiza função notável em ajudar-nos a elevar nossos corações.

Se for verdade que considerações de cunho pastoral poderão recomendar como desejável o uso do vernáculo, o Latim da Missa - na missa silenciosa, dialogada e, especialmente, cantada com o Gregoriano - jamais deveria ser abandonado. Não se trata de guardar o Latim de Missa por certo tempo até que os fiéis se habituem à missa em vernáculo. Como a Constituição da Sagrada Liturgia claramente determina, é permitido o uso do vernáculo, mas a Missa em Latim e o Canto Gregoriano conservam toda sua importância. Foi essa a intenção do "motu próprio", de São Pio X, que afirmou ser o Latim da Missa, como o Canto Gregoriano, responsável também pela formação da piedade dos fiéis, através da atmosfera sagrada e única gerada por sua dicção. Assim os anseios de muitos católicos e do movimento "Una Você" não se dirigem contra

o uso do vernáculo, mas contra a eliminação da Missa em Latim e do Canto Gregoriano. Eles apenas estão pedindo que se cumpra, realmente, a Constituição da Sagrada Liturgia.

Contudo, certos católicos de hoje manifestam o desejo de mudar a forma exterior da Liturgia, adaptando-a ao estilo de vida de nossa época dessacralizada. Esse desejo denota cegueira com relação à natureza da Liturgia, bem como ausência de respeito reverencial e gratidão pelos dons sublimes de dois mil anos de vida cristã. Acreditar que as formas tradicionais podem ceder o lugar a algo melhor é dar provas de uma ridícula auto-suficiência. E esse conceito é particularmente incongruente nos que acusam a Igreja de "triumfalismo". De um lado, eles consideram falta de humildade da Igreja proclamar que Ela só é detentora da plena revelação divina (em vez de perceber que essa proclamação se fundamenta na natureza da Igreja e decorre de sua missão divina). De outro lado, demonstram ridículo orgulho quando simplesmente assumem que nossa época moderna é superior às anteriores.

Podem-se ouvir, hoje, vozes de protesto declarando, por exemplo, que o texto do Glória e de outras partes da Missa estão repletos de expressões cansativas de louvor e glorificação a Deus, quando deveriam fazer mais referências a nossas vidas. É um contra-senso que revela como tinha razão Lichtemberg ao dizer que, se fosse dado a um macaco ler as epístolas de São Paulo, ele veria sua própria imagem refletida nelas. Admiram-se os nossos "teólogos" modernos não apresentarem, dentro em breve, uma nova versão do "Pai Nosso", como o fez Hitler. O "Pai Nosso" claramente enfatiza o primado absoluto de Deus, tão distante da mentalidade típica moderna. Um único pedido diz respeito ao bem-estar terrestre: "o pão nosso de cada dia..." O restante diz respeito ao próprio Deus, a seu Reino, a nosso bem-estar eterno."
(pag. 109 - 110)

Fonte: <http://salterrae.org/>

<http://www.rainhamaria.com.br>

O Pleito pela Missa Latina

Dietrich von Hildebrand foi um dos filósofos cristãos mais eminentes do mundo. Professor na Fordham University. Ele é autor de vários livros, incluindo "Transformation in Christ e Liturgy and Personality."
TRIUMPH, Outubro 1966.

Os argumentos da Nova Liturgia foram elegantemente condicionados, e talvez agora sejam estudados por recomendação. A nova forma da missa foi planejada para empenhar o celebrante e o fiel numa atividade comunal. No passado, o fiel servia a missa em isolamento pessoal, com cada crente fazendo suas preces privadas, ou, na melhor, seguindo as fórmulas no missal. Hoje, o fiel pode aproveitar o caráter social da celebração; estão aprendendo apreciá-la tal quais os almoços comunitários. Antigamente, o sacerdote murmurava em língua morta, o que criava barreiras entre este e o povo. Agora, todos falam em inglês, o que tende a unir estreitamente povo e sacerdote. No passado, o sacerdote realizava a missa de costa para o povo, dando um clima de ritual esotérico. Hoje, a missa é ocasião mais fraternal, pois o sacerdote encara o povo. No passado, o sacerdote entoava estranhos cânticos medievais. Hoje, toda a assembléia executa canções de melodias simples e letras fáceis; estão até flertando com a música popular. Concluindo, o pleito pela missa nova resume-se a isto: fazer o fiel estar mais a vontade na casa de Deus.

Além do mais, dizem ter tais inovações a sanção da Autoridade; elas são apresentadas como resposta obediente ao espírito do Concílio Vaticano II. Todavia, o concílio diz, na sua constituição sobre liturgia, que a missa vernacular só é permitida em casos em que o bispo local ache-a oportuna; a constituição insiste fortemente na permanência da missa latina e aprova, de forma incontestada, o canto gregoriano. Porém, os "progressistas" litúrgicos não se abalaram com a diferença entre permitir e ordenar. Sequer hesitaram quando autorizaram modificações, tais como o estar de pé ao receber a Santa Comunhão, o que não é mencionado pela constituição. Os progressistas arguem que podem tomar tais liberdades, pois a constituição é, afinal de contas, apenas o primeiro passo num processo evolucionário. Eles parecem estar neste caminho. Hoje, em qualquer lugar, é mui difícil encontrar a missa latina; nos Estados Unidos, são praticamente inexistentes. Até a missa conventual dos mosteiros é falada em vernáculo, e o glorioso gregoriano foi substituído por melodias insignificantes.

Minha preocupação não é com o estatuto legal das mudanças. Insisto: não quero dar a entender que reclamo de a constituição ter permitido o vernáculo substituir o latim. O que deploro é que a missa nova está substituindo a latina, que a antiga liturgia está sendo imprudentemente estraçalhada e negada pela maioria do povo de Deus.

Gostaria de levantar algumas questões àqueles que estão a promover tais desdobramentos: a missa nova melhorará o espírito humano mais que a antiga – evoca o sentido de eternidade? Ajudará a elevar nossos corações acima das preocupações mundanas – acima dos aspectos puramente naturais do mundo – até o Cristo? Aumentará a reverência, a apreciação do sagrado?

Certo, tais questões são retóricas e auto-evidentes. Fi-las, pois penso que cristãos sérios vão querer considerar sua importância antes de chegarem a uma conclusão sobre os méritos da nova liturgia. Qual o papel da reverência numa vida verdadeiramente cristã, e, mais importante, numa verdadeira adoração cristã de Deus? A reverência dá ao ser ocasião de falar conosco: a grandeza última do homem é ser capax Dei. A reverência é de importância capital para todos os domínios da vida do homem. Ela pode ser chamada corretamente de "mãe de todas as virtudes", pois esta atitude básica pressupõe todas as virtudes. O gesto mais elementar de reverência é um reflexo do próprio ser. Ela distingue-se da majestade exterior do ser, que provém da mera ilusão ou ficção; a reverência é o reconhecimento da consistência interior e da positividade do ser – de sua independência às modas arbitrárias. A reverência dá ao ser a ocasião de desdobrar-se para como que falar conosco, fecundar nossas mentes. Portanto, a reverência é indispensável a qualquer inteligência adequada do ser. A profundidade e a plenitude do ser, além de todos os seus mistérios, nunca revelar-se-ão senão a uma mente reverente. Recordem-se de que a reverência é elemento constitutivo da capacidade de "contemplar", que, como Platão e Aristóteles insistiam, é condição indispensável para a filosofia. De fato, a irreverência é a principal origem do erro filosófico. Se a reverência é a condição necessária para qualquer conhecimento seguro do ser, é, além disso, indispensável para acessar e compreender os valores baseados no ser. Somente o homem reverente, pronto a admitir a existência de algo maior que ele mesmo e predisposto ao silêncio, deixando o objeto falar-lhe – o homem que abre seu espírito – é capaz de penetrar no mundo sublime dos valores. Reconhecida a gradação dos valores, um novo tipo de reverência surge: a que responde não tão-somente à majestade do ser enquanto tal, mas ao valor específico de um ser específico e a sua posição na hierarquia de valores. Esta nova reverência permite ainda a descoberta de novos valores.

Somente numa atitude reverente o homem reflete seu caráter essencialmente receptivo: sua grandeza última é ser capax Dei. Em outras palavras, o homem possui a capacidade de apreender algo maior que ele mesmo, a fim de ser tocado e fecundado, abandonando-se a este algo por vontade própria – como pura resposta a tais valores. A habilidade de transcender-se distingue o homem da planta e do animal; este último empenha-se apenas em desdobrar a própria entelúquia [forma]. Ora, somente o homem reverente pode conscientemente transcender-se, conforme sua condição humana fundamental e situação metafísica. Melhor iremos ao encontro do Cristo elevando-nos a Ele, ou arrojando-O no mundo ordinário? Por sua vez, o homem irreverente aproxima-se do ser numa atitude de superioridade arrogante ou atrevida, de familiaridade presunçosa. Neste caso, está mutilado; é o caso do homem que, por muito se aproximar duma árvore ou construção, não pode mais vê-las. Em vez de manter a distância espiritual que lhe é própria – conservando um silêncio reverente, o ser talvez diga alguma coisa –, fecha-se; desta feita, silencia o ser. No incondicionado, a reverência é mais importante que a religião. Sabemos como isso afeta a relação do homem para com Deus. Existe uma ligação íntima entre a reverência e a sacralidade; a reverência permite-nos experimentar o sagrado, ascender para além do profano; a irreverência cega-nos a todo o mundo do sagrado. A reverência, incluindo o medo – em verdade, temor e tremor – é a resposta adequada ao sagrado.

Isso foi esclarecido por Rudolf Otto em seu famoso estudo The Idea of the Holy. Kierkegaard também chama atenção para o papel essencial da reverência no ato religioso, no

encontro com Deus. Igualmente, os judeus não estremeceem profundamente quando o sacerdote conduz o sacrifício para o sanctum sanctorum? Isaías não estremeceu de medo devoto quando viu Jeová no templo e exclamou: "Ai de mim, estou perdido! Eu que sou um homem de lábios impuros... todavia meus olhos não viram o Rei"? Não foram tais as palavras de São Pedro após a pescaria miraculosa: "Aparta-se de mim, oh! Senhor, pois eu sou um pecador", testificando que quando a realidade de Deus irrompe sobre nós, somos tomados de temor e reverência? O cardeal Newman expôs num sermão formidável que o homem que não teme nem reverência não conhece a realidade de Deus. Quando São Boaventura escreve no *Itinerarium Mentis ad Deum* que somente o homem de desejo (tal como Daniel) pode entender a Deus, quer dizer que certa disposição de alma deve-se atingir a fim de entender o mundo de Deus, para o qual Ele nos quer levar. Este conselho é aplica-se, sobretudo, à liturgia da Igreja. O *sursum corda* – a elevação de nossos corações – é o primeiro requisito para a participação real na missa. Nada melhor para impedir a confrontação do homem para com Deus que a noção de "irmos ao altar de Deus" como se fôssemos a um divertido e relaxante compromisso social. Eis porque a missa latina com canto gregoriano, que eleva-nos à atmosfera sagrada, é muitíssimo superior à missa vernacular com músicas populares, que nos inclina a uma atmosfera meramente natural e profana.

O erro fundamental da maioria das inovações é imaginar que a nova liturgia traz o Santo Sacrifício da Missa para perto dos fiéis; que a podando dos velhos rituais trará a missa para a substância de nossas vidas. Perguntamos se é melhor encontrar com Cristo na missa elevando-se até Ele, ou arrojando-O em nosso mundo prosaico e ordinário. Os inovadores substituem a sacra intimidade com Cristo por uma inconveniente familiaridade. Realmente, a nova liturgia ameaça frustrar a confrontação com Cristo, pois desencoraja a reverência em face do mistério, elimina o temor, suprime o sentimento do sagrado. Não importa realmente se os fiéis sentem-se em casa na missa, mas se são transportados de suas vidas ordinárias para o mundo do Cristo – seja pela sua atitude de reverência perfeita, seja por estarem impregnados da realidade do Cristo.

Aqueles que decantam a nova liturgia insistem que, com o passar dos anos, a missa perdeu o caráter comunal e tornou-se ocasião de adoração individualista. A missa nova vernacular restauraria o sentimento de comunidade ao substituir as preces privadas pela participação da comunidade. Porém, esquecem-se de que há diferentes níveis e tipos de comunhão com outrem. O nível e a natureza da experiência comunitária são determinados pelo tema da comunhão, em nome de que ou por causa de que os homens estão reunidos. O maior bem representado pelo tema, o qual empenha todos os homens, se for o mais sublime e profundo, é a comunhão. O ethos e a natureza da experiência comunitária no caso duma emergência nacional é, obviamente, radicalmente diferente da experiência comunitária num cocktail. As diferenças mais admiráveis serão encontradas entre comunidades cujo tema é o sobrenatural ou o meramente natural. A base da união comunitária é realização espiritual dos homens tocados por Cristo – a Santa Comunhão –, muito mais sublime que a de qualquer comunidade natural. O genuíno "nós comungamos" dos fiéis, tão bem expressado pela liturgia da Quinta-feira Santa nas palavras congregavit nos in unum Christi amor, só é possível como fruto da comunhão eu-Tu com o próprio Cristo. Somente a relação direta Deus-homem pode realizar a sagrada união entre os fiéis.

O "nós-experimentamos" despersonalizante é uma versão perversa da comunidade.

Na comunhão em Cristo, não há a auto-afirmação encontrada nas comunhões naturais. Ela exala a Redenção. Liberta o homem de toda auto-centralização. Contudo, essa comunidade não despersonaliza o indivíduo: longe de dissolver o sujeito numa névoa cósmica e panteísta, tão preconizada hoje em dia, realiza por completo o verdadeiro eu do sujeito. Na comunhão com Cristo não existe o conflito entre a pessoa e a comunidade, que se apresenta nas comunhões naturais. Logo, a comunidade da experiência sagrada está realmente em guerra com o despersonalizante "nós-experimentamos" encontrado nas congregações e nas assembléias populares que tendem a absorver e sublimar o indivíduo. Esta comunhão em Cristo, que fora tão cheia de vida nos primeiros séculos cristãos, de que todos os santos participaram, e que

descobriu na liturgia uma expressão sem igual, está agora sob ataque – esta comunhão que nunca considerou o indivíduo apenas como seguimento da comunidade, ou instrumento para servi-la. Para tal propósito, é importante notar que a ideologia totalitária não está só no sacrifício do individual pelo coletivo; algumas das idéias cósmicas de Teilhard de Chardin, por exemplo, implicam no sacrifício coletivista. Teilhard subordina o individual e sua santificação ao suposto desenvolvimento da humanidade. Até na época em que esta teoria perversa foi adotada por vários católicos, havia muitas razões para que se insistisse vigorosamente no caráter sagrado da verdadeira comunhão em Cristo. Creio que a nova liturgia deva ser julgada por este teste: contribui para a autêntica comunidade sagrada? Concordamos que ela direciona o caráter da comunidade; porém, é o caráter desejado? Essa comunhão é baseada no recolhimento, na contemplação e na reverência? Qual das duas – a missa nova, ou a missa latina com canto gregoriano – evoca tais atitudes d'alma de modo eficaz, permitindo comunhão mais profunda e verdadeira? Não é patente que o caráter comunal da missa nova é puramente profano, e que, como quaisquer outros encontros sociais, é mistura de entretenimento casual e atividade incessante, impedindo a confrontação reverente e contemplativa com Cristo e o mistério inefável da Eucaristia?

É claro que nossa época esta permeada desse espírito de irreverência. Isso é a noção distorcida da liberdade, que exige direitos ao mesmo tempo em que recusa deveres, que exalta a auto-indulgência, que aconselha o "seja você mesmo". O habitare secum dos Diálogos de São Gregório – o permanecer na presença de Deus, o que pressupõe reverência – hoje é considerado como antinatural, pomposo e servil. Porém, não é a missa nova um compromisso com o espírito moderno? Donde vem a depreciação da genuflexão? Por que a Eucaristia deve ser recebida em pé? Em nossa cultura, não é o ajoelhar-se a expressão clássica da adoração reverente? O argumento de que durante a refeição devemos antes estar de pé que ajoelhados é difícil de engolir. Além disso, esta não é a postura natural para comer: no relógio de Cristo, o estar sentado é o mesmo que dormir. Porém, o mais importante é a concepção irreverente da Eucaristia, para lhe enfatizar o caráter de refeição, em detrimento do caráter especial de mistério sagrado. Enfatizar a refeição às expensas do sacramento certamente denuncia uma tendência a obscurecer a sacralidade do sacrifício. Tal tendência parece ligada à lamentável crença de que a vida religiosa vai se tornar mais vívida, mais existencial, se for imersa em nossa vida cotidiana. Todavia, corremos o perigo de absorver o religioso no mundano, de apagar a diferença entre o sobrenatural e o natural. Temo que isso represente uma intrusão inconsciente do espírito naturalista, do espírito tal como expressado pelo imanentismo de Teilhard de Chardin.

Novamente, porque se aboliu a genuflexão às palavras et incarnatus est do Credo? Não era esse um gesto belo e nobre de adoração reverente ao professar o abrasador mistério da Encarnação? Quaisquer que sejam as intenções do inovador, certamente criaram o risco, mesmo que somente psicológico, da diminuição do temor religioso e do respeito ao mistério. Porém, existe mais uma razão para hesitar fazer mudanças desnecessárias na liturgia. As mudanças frívolas ou arbitrárias são aptas a erodir um tipo especial de reverência: a pietas. A palavra latina, como a alemã pietäet, não possui equivalente em inglês, mas pode ser entendida como respeito geral pela tradição; honra àquilo que nos foi legado pelas antigas gerações; fidelidade aos nossos ancestrais e suas obras. Note que pietas é uma palavra derivada de reverência, porém não deve ser confundida com a reverência enquanto tal, que descrevemos como resposta ao grande mistério do ser e, sobretudo, uma resposta a Deus. Segue-se que, se o conteúdo de uma dada tradição não corresponde ao objeto de reverência original, não merece a reverência derivada. Se uma tradição incorpora elementos maus, tais como os sacrifícios de seres humanos, no culto dos Astecas, então esses elementos não devem ser tomados por pietas. Não é, todavia, o caso cristão. Os que idolatram nossa época, que se impressionam com o que é moderno simplesmente por sê-lo, que acreditam que, em nossos dias, o homem finalmente "atingiu a maioria", carece de pietas. O orgulho desses "nacionalistas temporais" não é somente irreverente, mas incompatível com a fé real. Um católico deve observar a liturgia com pietas. Deve reverenciar, e, portanto, temer abandonar as orações, as posturas e as músicas que foram aprovadas por tantos santos durante a Era Cristã, deixadas para nós como preciosa herança. Para não ir muito longe, a ilusão de que possamos

substituir o canto gregoriano, com seus hinos inspirados e ritmos, por uma música tão boa quanto, senão melhor, denuncia uma auto-afirmação ridícula e falta de autoconhecimento. Não podemos esquecer que, através da história do cristianismo, silêncio e solidão, contemplação e recolhimento foram considerados necessários para alcançar uma confrontação real com Deus. Este não é apenas um conselho da tradição cristã, a qual deve ser respeitada pela pietas: está enraizado na natureza humana. O recolhimento é a base necessária para a verdadeira comunhão; da contemplação surge a base necessária para a ação efetiva na vinha do Senhor. Uma espécie superficial de comunhão – a camaradagem jovial numa relação social – arrasta-nos para a periferia. Uma verdadeira comunhão cristã arrasta-nos para dentro dos abismos espirituais.

O caminho da verdadeira comunhão cristã: reverência..., recolhimento..., contemplação. Claro que devemos lamentar a carolice sentimental e individualista, reconhecendo que muitos católicos praticam-na. A experiência não é remédio para isso, nem a atividade é cura para a pseudocontemplação. O remédio é encorajar a verdadeira reverência, a atitude de autêntico recolhimento e devoção contemplativa do Cristo. Somente tal atitude possibilita que aconteça uma verdadeira comunhão em Cristo. As leis fundamentais da vida religiosa que governam a imitação de Cristo, a transformação em Cristo, não se modificam de acordo com as modas e hábitos do momento histórico. A diferença entre a experiência comunitária superficial e a experiência comunitária profunda é sempre a mesma. O recolhimento e a adoração contemplativa do Cristo – que só a reverência torna possível – seria a base necessária para a verdadeira comunhão com os demais em Cristo, em qualquer era da história humana.

Fonte: <http://traducoesgratuitas.blogspot.com/2005/06/dietrich-von-hildebrand-o-pleito-pela.html>
<http://sebastianbaldi.blogspot.com.br>



www.mariamaedaigreja.net